

DOSSE, François. Paul Ricoeur - um filósofo em seu século. Tradução Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. 268 páginas. ISBN 978-85-225-1946-0

RICOEUR PARA HISTORIADORES

Flávio Dantas Martins¹

Os leitores brasileiros tem à disposição uma obra traduzida por Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo que preenche a lacuna de um bom texto de introdução ao filósofo Paul Ricoeur, embora não se trate de um manual ricoeuriano, mas de um estudo de história intelectual escrito por François Dosse. *Paul Ricoeur - um filósofo em seu século* pode ser aprofundada pela recém-traduzida *Paul Ricoeur - Os sentidos de uma vida (1913-2005)*, do mesmo autor, um trabalho mais biográfico propriamente.

A obra tem nove capítulos, uma introdução e uma conclusão, e é ao mesmo tempo uma introdução ao pensamento de Ricoeur e uma exploração da sua obra e seu entorno. O subtítulo “Um filósofo em seu século” condiz com o desenrolar do texto que explora as relações de Ricoeur com outros intelectuais, com escolas de pensamento e com momentos palpitantes do século XX. Dosse dá atenção especial à relação intelectual e pessoal de Ricoeur com alguns pensadores franceses, seus diálogos, suas controvérsias, sua amizade e rompimento. Levi-Strauss, Marcel, Derrida, Lacan, Levinas, Groisman são algumas das relações tratadas por Dosse nesse livro para pensar tanto as contribuições quanto as contradições e rupturas.

No primeiro capítulo, “Travessia existencialista”, são abordadas as relações de Ricoeur com Gabriel Marcel, seu mestre, e a relação do existencialismo alternativo ao sartreano que estimula as primeiras pesquisas do jovem filósofo. Em “Uma fenomenologia do agir”, Dosse aborda a relação de Ricoeur com Husserl, o qual traduziu quando estava num campo de concentração, de forma clandestina por se tratar de um pensador judeu, além da proximidade que possuía com a fenomenologia francesa de Merleau-Ponty, com o qual manteve uma relação de aprendizagem e amizade até o fim da vida desse. No terceiro capítulo, Dosse conclui a fase “formativa” de Ricoeur analisando “A enxertia hermenêutica”, seja a influência de Gadamer, seja a relação de diálogo e tensão com Martin Heidegger.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor do Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

No quarto capítulo, Dosse aborda a fase *outsider* de Ricoeur, quando este incorpora criticamente as contribuições do estruturalismo e inicia sua própria abordagem do giro linguístico no seu “exílio” americano. Dosse também aborda a amizade e o amargo conflito com Lacan e o diálogo com Lévi-Strauss, Greimas e Derrida.

O quinto capítulo, “A confrontação com a filosofia analítica e a construção de uma hermenêutica do si mesmo pela narrativa”, o autor trata das temáticas de **Temps et récit**, **Du texte à l’action** e **Soi-même comme un autre**. São abordadas tanto a sua teoria da narração, que é tanto uma discussão filosófica que dialoga e responde a *Ser e Nada* de Heidegger, quanto evita a indistinção entre história e ficção veiculada então por Hayden White.

O capítulo “Uma filosofia do homem capaz”, Dosse discute a recusa de Ricoeur em posições deterministas e sua solução criativa na reflexão por aporias e dialéticas. Nesse momento, aparece o tema da política em Ricoeur, que está com Hannah Arendt quando concorda com esta que a dimensão do político tem autonomia em relação às dimensões econômicas, tal qual o marxismo defendia. Ricoeur, como Arendt, preconiza a política não como tema da opressão e dominação, mas como a esfera da vida conjunta, do viver em comunidade. Poderíamos discutir em que medida é possível viver em comum e estabelecer uma política autônoma no período histórico do Estado capitalista em que corporações têm potentes *lobbys* e são mais poderosas que Estados falidos e diferenciar um diagnóstico histórico de um projeto de política.

Outro tema debatido por Dosse é o debate entre Ricoeur e Jean-Pierre Changeux sobre filosofia, neurociência e cognoscibilidade. Em suma, é um capítulo sobre o Ricoeur antideterminista. Para François Dosse, o grande problema da filosofia de Ricoeur é a do homem capaz. A passagem do filósofo pelos debates com o existencialismo, a psicanálise, o estruturalismo, a filosofia anglo-saxã, o desconstrucionismo, assim como sua formação em torno da filosofia da reflexão, da fenomenologia e da hermenêutica, de acordo com Dosse, são preocupações em torno da capacidade humana, da sua condição de sujeito de sua história, em que pese as limitações e suspeitas.

No capítulo “Os caminhos da sabedoria prática”, Dosse apresenta o envolvimento do último Ricoeur em alguns temas de relevância pública. É descrito que este envolvimento se dava pelo exercício do papel de filósofo crítico e ouvinte para exercer sua função de esclarecedor de conceitos. Isso acontecia em discussões relacionadas ao Comitê de Ética na pesquisa criado na década de 1980, e na política, especialmente a aspiração por uma vida boa

na Cidade sob a influência de Hannah Arendt. Há uma contribuição ricoeuriana no campo do direito, especialmente contra o pragmatismo e positivismo jurídico, militando para a renovação da filosofia do direito na França. Esta relação entre julgamento, direito e reconhecimento é o núcleo do capítulo. Este se encerra com uma breve nota sobre a discussão de Ricoeur sobre a morte. Para Dosse, Ricoeur recusa Heidegger e a ideia de ser-para-a-morte e é um filósofo que pensa sempre a vida. Todavia, o aspecto biográfico trazido pelo autor que é o lento processo que leva ao desaparecimento da esposa de Ricoeur, Simone, leva o filósofo a refletir sobre esse tema. Ele o faz de forma coerente com sua obra e afirma que deve-se viver e resistir até a morte.

O capítulo “Historicidade sem teleologia” parte da discussão sobre a renúncia a Hegel que Ricoeur propõe no terceiro tomo de *Temps et récit*. A renúncia a uma teleologia da história e a um macro-sujeito - a razão ou a realização da liberdade - é contraposta a uma teoria da agência e da capacidade humana de transformação do mundo. Ricoeur possui em relação a Hegel uma desconfiança do sistema e seu pensamento é anti-sistema ou talvez pluri-sistêmico. Nesse mesmo capítulo, Dosse trata da abordagem de Ricoeur do problema da história e da memória, no qual o principal enriquecimento do debate graças ao grande livro *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, se dá pela inserção do esquecimento no debate. O esquecimento é tanto negativo em seu aspecto tradicional de perda irreparável do passado na memória ou na história, quando possui uma dimensão positiva do esquecimento de reserva, que é útil para a história e para a memória, sobretudo pelo seu caráter pacificador. Dosse também destaca para o inovador conceito de representância que Ricoeur insere para dar conta da relação que existe entre o historiador e o passado enquanto personagens e situações que existiam antes de serem narrados, destacando a intencionalidade histórica. A representância engloba tanto a veracidade do *logos*, quanto a fidelidade do “Lembra-te” da tradição judaico-cristã. Ela está relacionada a um compromisso entre o historiador e o leitor de que os acontecimentos e personagens narrados existiram verdadeiramente fora do texto. Ao final, o autor destaca como Ricoeur associou o trabalho memória do historiador com o trabalho de luto de Freud. Aqui o presente se reconcilia com o passado pela lembrança verdadeira de modo a evitar o excesso de memória e de esquecimento patológicos. Essas patologias passam tanto pelo excesso de memória de comunidades em insegurança identitária que patrimonializam passado demais, quanto a memória insuficiente pelas manipulações em regimes ditatoriais.

O último capítulo, “Pensar como filósofo a tradição judaico-cristã”, trata da relação entre filosofia e religião no pensamento de Ricoeur. A fé

protestante assumida pelo filósofo foi alvo de críticas e juízos que o consideraram um cripto-teólogo ou um “pastor que se ocupa de fenomenologia” (Sartre) a ponto do mesmo insistir que ele era um cristão filósofo e não um filósofo cristão. As acusações se justificam *superficialmente* por que os temas da fé, a hermenêutica bíblica e as referências à tradição judaico-cristãs aparecem em toda sua obra. Dosse destaca que Ricoeur considerava justificada a crítica radical da religião por Marx, Nietzsche e Freud, na medida em que ela se tornava “máscara do medo, máscara da dominação, máscara do ódio” (p. 226). Dosse destaca que Ricoeur considerava que seu trabalho hermenêutico dos textos bíblicos era uma exegese em diálogo com a teologia. Ao fim, o autor encerra com uma conclusão sobre Ricoeur enquanto um filósofo do agir, um pensador preocupado com a agência humana. Esta seria motivada mais pela alegria de Spinoza do que pelo ser-para-a-morte de Heidegger. Ricoeur teria levado em consideração todas as limitações dadas ao sujeito pelas teorias das ciências sociais, mas teria recuperado o legado do agir frente à obstruções e em condições desfavoráveis. “A capacidade encontra-se, portanto, posta à prova das determinações sociais ao aceitar seus condicionamentos, sem a isso reduzir o homem” (p. 242).

O leitor que tem outras preocupações fica curioso sobre o que Dosse poderia nos falar sobre uma relação que é lacunar no texto, que é a existente entre Ricoeur e Althusser, especificamente, já que o estruturalismo é abordado. Dosse reitera que Ricoeur é um filósofo que está atento aos acontecimentos e ao desenvolvimento das ciências, com as quais a filosofia deve dialogar. O filósofo do Partido Comunista, foi lido e comentado por Ricoeur e pouco aparece no livro de Dosse. Essa lacuna que é a relação de Ricoeur com o marxismo francês de um modo geral, e especificamente com Althusser, é um interessante campo de pesquisas. Ricoeur parecia mais próximo dos marxistas heterodoxos, especialmente os cristãos e anticoloniais. A relação de Ricoeur com os marxismos é uma das facetas ainda pouco exploradas nas pesquisas sobre o autor, em que pese o mesmo ter dedicado um livro ao tema das relações entre ideologia e utopia, resultado de um curso na Universidade de Chicago em 1975, no qual discute autores como Marx, Althusser, Habermas e Gramsci, além de Weber, Geertz e Manheim. Ricoeur tem o cuidado de distinguir o marxismo dogmático ou esquemático e mesmo os marxistas comunistas de Marx, embora não poupe críticas a este.

O livro de Dosse tem a vantagem de contribuir numa história das ideias sobre o lugar de Ricoeur, bastante peculiar por sua posição de sensatez e comedimento, diálogo e abertura em um século marcado por intolerância, radicalismos, guerras de posição acadêmicas e sectarismo - século que teima

em não terminar. Todavia, temos a sensação de que Ricoeur paira no ar do social, do histórico, ainda que pertença a pelo menos três tradições, possuindo assim, vínculos com a história intelectual. Nesse sentido, José Carlos Reis faz uma provocação interessante em seu livro *História da consciência histórica ocidental*, ao propor que Ricoeur expressa uma consciência histórica de uma Europa pós-colonial que sente culpa e quer se reconciliar, esquecer, dialogar. É possível ainda com Dosse, responder a Reis que a Europa não é homogênea e que a Europa de Ricoeur, do Iluminismo, do humanismo vive em tensão com a Europa da xenofobia, da islamofobia, do racismo, herança do imperialismo - e sim, é possível contra-argumentar com Walter Benjamin que o documento de cultura é um documento de barbárie. Dosse destaca que Ricoeur sempre considerava que havia uma Alemanha que ele amava, a de Husserl, Kant, Jaspers e Goethe e esta não era aquela Alemanha que ele combateu como oficial do Exército francês nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Dosse destaca ainda que Ricoeur questionou Heidegger sobre a ausência da tradição judaica-cristã em seu pensamento, sutilmente denunciando seu antissemitismo que seria confirmado com as publicações póstumas de seus diários, os *Cadernos negros*, e de dossiês sobre seu envolvimento com o nazismo depois da reitoria. Todavia, é insuficiente para o leitor que deseja ver os vínculos sociais e históricos do pensamento. O livro de Dosse é uma história de um pensamento que se desenvolve em diálogo, mas um diálogo com outros pensamentos, instigando estudos para aprofundar as pistas dadas nas relações do pensamento com o mundo. Dosse não negligencia isso: a invasão de Praga pelos tanques soviéticos, os campos de prisioneiros franceses dos nazistas aparecem no texto. Os debates que Ricoeur se envolve em torno dos julgamentos dos nazistas, as guerras da Argélia e do Vietnã, o contexto francês da Guerra ao Terror e os muçulmanos na França, o fim do socialismo do Leste europeu, enfim, são diversos vínculos entre ideia e mundo, entre pensamento e história que podem ser explorados a partir do livro de Dosse. O "século" é basicamente um século de ideias. Dosse é, aliás, fiel à hermenêutica ricoeuriana que pensa a constituição de um mundo do texto "à parte". Os historiadores brasileiros, acostumados à história das ideologias, podem achar que este mundo do texto está apartado demasiado de suas referências. Por outro lado, a leitura deste livro é oportuna e instrutiva, já que as leituras dos historiadores de Ricoeur se concentram nos temas da memória, do esquecimento, da narração e da tríplice mimesis, sem muitas visões mais abrangentes do pensamento de Ricoeur, com exceção ainda do livro de José Carlos Reis.

É o próprio Dosse que afirma que Ricoeur é um filósofo engajado ao seu modo que contribui modestamente na clarificação de conceitos - não é nem o intelectual público que lança chamas ao ar como Sartre, nem é o sábio

anglo-saxão fechado em seu gabinete, responsável apenas por seu ofício. Sem dúvida uma das vertentes de pesquisa mais instigantes para os historiadores interessados na obra de Ricoeur são as relações entre suas reflexões e o mundo e como elas expressam uma consciência histórica deste, na trilha aberta por Reis.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. vol. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOSSE, François. *Paul Ricoeur - Os sentidos de uma vida (1913-2005)*. São Paulo: LiberArs, 2017.

REIS, José Carlos. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea - Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

RICOEUR, Paul. *L’idéologie et l’utopie*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

Recebido em: 22/05/2018

Aprovado em: 28/05/2018